

## Editorial

**Prof. Dr. Luiz Roberto de Oliveira<sup>1</sup>**

---

O oitavo número da RESDITE traz de forma equilibrada 19 contribuições, com 8 artigos originais e 11 relatos de experiência. Esses números impressionam não apenas pelo volume, mas também pela qualidade do material publicado, além esforço da equipe de produção e pela generosa contribuição do corpo editorial que tem atendido às solicitações de revisão. A publicação, dessa forma, caminha a passos largos para que, ainda no decurso de 2020, se obtenha a tão apreciada inclusão em bases de dados, cujo referenciamento permitirá não apenas maior visibilidade, confirmando também aspectos qualitativos. Ambos, o maior número possível de trabalhos publicados e a revisão judiciosa por pares assegurando valor científico, são absolutamente indispensáveis para assegurar e manter o compromisso da RESDITE em contribuir com o desenvolvimento das tecnologias educacionais para viabilizar as práticas da Saúde Digital.

O uso das Tecnologias Digitais da Informação e das Comunicações (TDICs) tem se tornado, em velocidade galopante, uma excelente opção para melhorar todos os processos de ensino e também na área da saúde. Propicia obter aprendizagem significativa, permitindo fugir do aprendizado puramente mecânico ainda praticado de forma disseminada além do que seria desejável constatar em nossos cursos superiores na área da saúde. É esse o ponto crucial que tem sido afirmado e reafirmado nos números da RESDITE e pelas contribuições, vindas de diferentes pontos do país, percebe-se que há consciência do potencial dessas inovações tecnológicas e de seus efeitos benéficos para o ensino e a educação nessa área. Seja utilizando simulações, mídias sociais com troca de experiências e orientação participativa de cuidadores, oferta de formação com ensino híbrido e uso de Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA), chatbots, jogos sérios etc é esperançoso perceber o quanto há profissionais interessados no uso de

---

<sup>1</sup> Doutor e Editor Chefe da RESDITE. Núcleo de Tecnologias e Educação a Distância em Saúde (NUTEDS) / Faculdade de Medicina - Universidade Federal do Ceará. E-mail: [lro@ufc.br](mailto:lro@ufc.br)

**Correspondência:** NUTEDS - Rua Professor Costa Mendes, 1608, Bloco Didático - térreo - Rodolfo Teófilo. Fortaleza, CE – Brasil. CEP: 60430-140.

soluções que aparentemente só estavam disponíveis em outros países, como se a esses recursos também não tivéssemos direito ao uso ou nos faltasse capacidade para criar, produzir e colher benefícios. Número após número, o periódico tem mostrado que não era bem assim. O material humano no país, mesmo admitindo não ser exuberante em números expressivos, existe e com excelente qualidade. O que faltava era exatamente um canal representativo para veicular a produção científica existente. Não é mais o caso, como bem se vê.

O momento atual em que vem ao lume mais um número da RESDITE é peculiar nesse amplo e incerto contexto de desafios frente à pandemia do COVID-19, e requer algumas reflexões inadiáveis. Em primeiro plano, surge a indagação acerca da capacidade de produzirmos soluções adaptadas às características de nossa população. Diversos setores da sociedade estão se havendo com denodo e coerência. A ciência está impondo os limites dos caminhos mais adequados. Há, em seguida, que lançar o olhar para além das fronteiras mais imediatas, imaginando perspectiva temporal mais estendida, ou seja, para a fase pós-COVID. Considerando todo o alvoroço em curso, o que não nos deve faltar em uma próxima situação semelhante a essa? O que devemos aprender e quais as lições devem nos ajudar no caminho da sabedoria? Enfim, como desvendar o incerto para humanizar a tecnologia e transformar a

qualidade da atenção à saúde, com equidade, racionalizando custos e reduzindo gastos, melhorando a satisfação dos pacientes em sua jornada pelo bem estar em todas as suas dimensões.

Começando pelo último questionamento, ficou bem perceptível uma grande procura por utilização de soluções tecnológicas que permitissem não cessar as atividades quando fosse possível manter o trabalho colaborativo a distância, o teletrabalho, e ainda assim perceber que é possível, sim, manter a produtividade. Uma de suas formas mais urgentes, a Telemedicina/Telessaúde, logo reascendeu velhas discussões sobre sua validade, possibilidade, permissão e cuidados sobre como fazer adequadamente. Atividades de ensino, por sua vez, foram também alvo de buscas e de pronto surgiram propostas de teor e natureza variados. Mas uma questão pairou acima de todas: os profissionais de saúde estavam preparados? Nossos cursos na área da saúde estavam adequados com pessoal e infraestrutura suficientes? A resposta, com sinceridade, é uma estrondosa negativa. Por isso, nesse momento, não pensar em superar algumas lacunas no panorama descortinado no bojo das tentativas de implantar a Saúde Digital no país, que estão sendo novamente instituídas, torna-se temerário. Elas precisam ser consideradas, discutidas, suplantadas, mas não esquecidas. Saúde e educação caminham juntas. E, com certeza, em sua

interdependência, a qualidade é o fator primordial a ser obtido. Sem isso todos os demais objetivos e seus resultados ficam comprometidos.

No presente editorial, portanto, ao contrário de comentar cada um dos artigos originais e relatos de experiência deu-se preferência a refletir sobre a mudança do ecossistema da saúde em curso, reflexo de uma nova realidade que está despontando e deverá impor novos padrões de atuação em diversos segmentos da sociedade, atingindo variados setores de forma desigual e complexa, da economia ao lazer, dos mais diferentes domínios de conhecimento com intensidade variável e mutante, em perfeita sintonia com o caos... Mas, calma, esse deve ser, sem dúvida o pior cenário. Acreditar que, em algum momento, tudo deve passar, não deve ser a única atitude, a de esperar passivamente pela resolução da tormenta. Entre as perguntas no momento presente deve-se considerar indagarmos também como chegaremos nesse futuro incerto que agora se nos apresenta informe e imponderável. Mas já sabemos que será uma nova realidade, e reconhecer essa premissa já configura algum ganho. Nada será como antes. Entre a esperança e a crença na capacidade humana de suplantar dificuldades e de sobreviver, será de bom alvitre, portanto, apostar na

possibilidade de podermos influir na construção desse novo tempo, admitindo que a tecnologia pode trabalhar a nosso favor e, mais ainda, que a superação nos fará melhores. Sim, podemos, mais do que isso, precisamos nos reinventar.